

SIMPÓSIO AT104

MULHER E MODERNIDADE NA FICÇÃO ANARQUISTA DA BELLE ÉPOQUE: O CASO DE FÁBIO LUZ

GOMES, Inara

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

inaragomes027@gmail.com

Resumo: O texto apresenta resultados preliminares de um estudo sobre ideais de feminilidade na ficção anarquista da *belle époque* brasileira, tomando como objeto de análise o romance *Ideólogo* (1903), de Fábio Luz, o primeiro desse gênero na literatura brasileira. Analisamos a oposição maniqueísta entre o modelo ideal da mulher para o anarquismo e o seu contramodelo – a mulher inserida na ordem social burguesa –, descrevendo a formação moral e educacional das personagens femininas. A história das mulheres no período da Primeira República brasileira (BESSE, 1999; MALUF; MOTT, 1998) fornece o quadro histórico em que as relações de gênero estão se reestruturando em função do ocaso do patriarcado e do ingresso do Brasil na era industrial moderna. De outro lado, temos uma história da resistência operária no começo do século XX pela ótica das relações sociais e culturais de homens e mulheres (RAGO, 2018). A análise revela que o modelo de feminilidade construído no romance do militante anarquista Fábio Luz não é essencialmente diferente daquele que os segmentos mais conservadores de seu tempo prescreviam, quando reagiam às novas opções de sociabilidade e atuação pública que a modernização acelerada dos centros urbanos trazia para as mulheres.

Palavras-chave: ficção anarquista; modernidade; mulher; belle époque.

Abstract: The text presents preliminary results of femininity ideal's study in the anarchist fiction of the Brazilian Belle Époque, taking as object of analysis the novel *Ideólogo* (1903), by Fábio Luz, the first of this genre in the Brazilian literature. It was analyzed the maniqueistic opposition between the woman ideal model, for anarchism, and her counter-model – the woman inserted in the bourgeois social order –, describing the moral and educational formation of female characters. The history of women in the first Brazilian Republic period (BESSE, 1999; MALUF; MOTT, 1998) provides the historical framework in which gender relations are restructuring as a function of patriarchy heritage and the entry of Brazil into the modern industrial era. On the other hand, there was the history of worker resistance at the beginning of the Twentieth Century through the perspective of social and cultural relations of men and women (RAGO, 2018). The analysis reveals that the model of femininity in the militant anarchist Fábio Luz's novel is not essentially different from the one that the most conservative segments of his time prescribed. Those segments responded to the new options of sociability and public performance which accelerated modernization of urban centres brought to women.

Keywords: anarchist fiction; modernity; women; belle époque.

Introdução

A influência de tendências anarquistas na cultura e na literatura brasileira, no início do século XX, deixou em certos casos marcas apenas difusas na poesia e na prosa, mas também pode ser verificada em obras que são verdadeiras peças de propaganda destinadas a promover a doutrina libertária. Na ficção, as obras de Avelino Fóscolo, Manuel Curvelo de Mendonça, Domingos Ribeiro Filho e Fábio Luz se enquadram mais estritamente nessa descrição. Ao seguir os preceitos anarquistas, esses textos denunciam os males da sociedade vigente para apregoar caminhos de transformação social, anunciando o advento de uma sociedade futura igualitária e solidária, organizada sem hierarquias, sem propriedade privada e sem a intermediação de quaisquer instituições que regulem as relações humanas, sociais e econômicas.

Nos romances de Fábio Luz, assim como acontece com alguns de seus congêneres, as projeções utópicas de personagens-ideólogos nascem de um diagnóstico da realidade social em que as relações familiares ocupam o centro da trama. A partir desse núcleo dramático, delinea-se a crítica da mentalidade da classe média e da elite, em que assume especial importância a questão do casamento, do papel da mulher e da educação dos filhos. A implantação de uma nova ordem social e econômica, na sociedade idealizada, depende de uma transformação radical nesse sistema de crenças e valores morais para fundar uma nova ética.

Atrelando a emancipação da sociedade à emancipação da família, esses textos prescrevem um ideal de mulher através de um mecanismo maniqueísta de distinção binária, construindo seu contraexemplo – a mulher que foi educada e moldada conforme os padrões burgueses vigentes. A análise a seguir, sobre o romance *Ideólogo* (1903), discute em que medida ou em que aspectos esse procedimento de distinção ou oposição realmente diferencia esses dois modelos de mulher.

1. Modelos de feminilidade em confronto

A formação educacional da mulher é central no romance, como se a viabilidade de uma sociedade anarquista dependesse primordialmente de sua aptidão para exercer a função que a nova organização social e familiar vai lhe destinar. Contrastando com Elza, a companheira que Anselmo – o personagem “ideólogo” que dá título ao romance –, escolhe para fundar com ele uma colônia anarquista, Martha e Eulina são agentes e sintomas da dissolução dos laços conjugais e da corrosão da família, porque foram desviadas perversamente de suas inclinações naturais para mães e esposas exemplares.

Filha de fazendeiros do interior da Bahia, Martha fora educada em um internato de irmãs de caridade, onde nada aprendera de útil que lhe garantisse uma ocupação digna caso “não conseguisse casar” (LUZ, 1903, p. 76). Em compensação, além das prendas para exibir em sociedade – línguas, piano, canto –, ensinaram-lhe a ser carola e hipócrita. A “obra” se completara com a vida frívola e cheia de excitações em teatros e bailes, viciando-se nos salões da sociedade elegante, com o agravante da moda do espartilho “deformando o corpo, desviando os órgãos, comprimindo o ventre, produzindo a histeria” (LUZ, 1903, p. 76). O fato de Martha ter fortes preconceitos de classe e de cor, e de que jamais aceitaria viver em regime de igualdade e comunhão com trabalhadores pobres, ganha menos relevo do que sua inaptidão para a maternidade e para a administração do lar.

Eulina é filha de pequenos comerciantes enriquecidos em especulações financeiras. Assim como Martha, a formação educacional em um colégio católico de luxo e, depois, a frequência a bailes, clubes e confeitarias, as diversões fúteis e as modas, haviam-lhe forjado o caráter. Pertencendo a uma família de novos-ricos vulgares, entretanto, não sofreu o choque de valores experimentado por Martha e, ao invés de uma *histerica*, sua educação produziu uma *leviana*. Enquanto Martha, em virtude de sua doença, torna-se incapaz de ser mãe e esposa competente, Eulina escolhe evitar, esterilizando-se, o

pesadela da maternidade, para não abrir mão de sua vida de prazeres mundanos, de adúltera e, finalmente, prostituta. Ela não “podia deixar de ser o que é” (LUZ, 1903, p. 217), conclui o ideólogo anarquista, pois havia sido moldada para isso.

Filha bastarda de uma “mulatinha costureira” com um jovem estudante de medicina, Elza foi adotada pelos avós paternos e educada em casa. Havia conduzido sua própria educação espontaneamente, tornando-se relativamente instruída, mas dedica seus melhores talentos aos cuidados do lar, o que faz com impressionante eficácia. Não quis cursar a Escola Normal, uma das poucas opções de profissionalização para as mulheres da época. É avessa a tudo que as outras duas personagens apreciam, indiferente aos crescentes atrativos de um Rio de Janeiro em processo de veloz modernização, aos novos hábitos cosmopolitas. Juntando-se a ela, Anselmo pode empenhar-se mais a fundo na sua causa, “pois contava com o inefável conforto do lar” (LUZ, 1903, p. 180) e com a promessa de uma prole sã. No final do romance, Elza passa a acompanhar Anselmo – que decidira adiar o projeto da comuna – em sua militância, participando de ações educativas junto a operários e suas famílias.

2. A república e a comuna

Quando Fábio Luz publica este que é seu primeiro romance, um novo tipo de organização familiar estava em vias de se consolidar: a família nuclear burguesa. As rápidas mudanças socioeconômicas nas últimas décadas do século XIX dinamizaram o crescimento dos centros urbanos, onde as classes médias ascendentes passavam a exigir reformas. O enfraquecimento progressivo do poder patriarcal e da organização tradicional da família de elite punha em questão as definições de gênero. Com a modernização da infraestrutura econômica das cidades, a pavimentação das ruas e o serviço regular de transporte, as mulheres começavam a frequentar as ruas, parques, lojas e confeitarias. Elas também reivindicavam maiores oportunidades de

instrução, de profissionalização e de participação na vida pública, o direito de votar e de ser votada. (BESSE, 1999).

Uma “mulher moderna” começava a se esboçar, ainda que de modo muito lento e desigual. Ela refletia novos hábitos e percepções provocados pela aceleração da experiência sob o impacto de novos artefatos tecnológicos, das novas formas de comunicação, da expansão das cidades com os movimentos migratórios internos e externos. Os setores mais conservadores da sociedade reagiam com alarme diante do ritmo das mudanças que vinham ocorrendo desde o último quartel do século XIX (MALUF; MOTT, 1998, p. 369). Os ventos modernizantes e os movimentos emancipatórios exigiam uma nova atuação da mulher, mas provocavam enorme apreensão entre intelectuais conservadores que, atordoados com as transformações rápidas de hábitos, rotinas e modos de ser, denunciavam o solapamento das relações de gênero, da moralidade social e da estabilidade da família. Quanto mais as mulheres ocupavam os espaços públicos, mais alto se levantavam as vozes de moralistas e filantropos, acenando-lhes com os riscos do pecado, da perdição e da prostituição (RAGO, 2014).

Por seu lado, os anarquistas defendiam, em tese, a igualdade de direitos entre os sexos, o amor livre, a maternidade voluntária; promoviam a educação da mulher e a conscientização de sua condição de oprimidas pela sociedade machista, acenando-lhe com o advento de uma sociedade fundada na liberdade, na fraternidade e na justiça social. Embora esses temas aparecessem com frequência na imprensa operária, na prática, havia uma certa adesão dos anarquistas ao ideal burguês da mulher mãe de família e esposa devotada. As mulheres geralmente participavam dos movimentos reivindicatórios não como protagonistas, mas na condição de esposas, mães ou filhas (RAGO, 2014).

Mais do que fazer essa mediação anarquista entre teses emancipatórias e práticas de subordinação das mulheres, o romance de Fábio Luz busca alinhar-se com os discursos dos reformadores sociais da nossa *belle époque*, os quais deploravam a liberdade de costumes que as vagas modernizantes

abriam para as mulheres e exortavam-lhes a cumprir a função cívica de formar cidadãos para a pátria. Então, cabem as perguntas: Eulina encarna o contraideal por excelência da mulher emancipada dos valores burgueses e apta a ser membro da comuna anarquista, como Elza? Ou ela, com os *modos livres* com que transita pela rua do Ouvidor, apenas representa o contraideal da ordem patriarcal agonizante, que resiste aos novos tempos? O elogio de Anselmo aos *doces e santos costumes coloniais*, que teriam sido conspurcados “pelas imundícies desse modernismo” (LUZ, 1903, p. 218), parece favorecer a segunda alternativa.

Considerações finais

Se abstrairmos o proselitismo anarquista presente no *Ideólogo*, com suas pautas de praxe, resta a pregação, de forte teor retrógrado, a favor da manutenção dos valores da família tradicional em detrimento da liberação da mulher. Esse compromisso está selado na aliança que Anselmo, o militante anarquista, faz com o avô e pai adotivo de Elza, o Comendador Noronha, ex-ministro da Justiça do Império e desembargador aposentado. O comendador tolera, com ironia, as ideias extravagantes do ideólogo, agradecido por ele aceitar o casamento com sua filha mestiça e ilegítima, mas detentora de um *dote*. Com a anuência desse representante da burguesia esclarecida, Anselmo pode se dedicar sem peias à causa libertária.

Referências

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Edusp, 1999.

LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Paula Sousa e Cia, 1903.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: república: da Belle Époque a Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 367-421.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Livro eletrônico.